Vigésima segunda carta

> **Sumário.** Realidade das funções do sino. — Quatro perguntas. — Funções do sino anunciadas pelo próprio sino. — Amor e ódio aos sinos. — Pôr em fuga os demônios; afastar as tempestades: funções do sino; provas. — Relações entre o sino e o pregador. — Nossos pais mais sábios que nós.

17 de julho.

Meu caro amigo

As funções do sino não são imaginárias, mas reais. Quero dizer com isso que, em virtude da bênção que lhe é dada, o sino tem o poder de operar os diversos efeitos de que teremos de falar. Essa crença pertence à fé católica. Quatro perguntas, e a prova estará feita em teu espírito, como no espírito de todo homem capaz de ligar duas ideias.

Tem Deus o poder de abençoar? Exerceu-o? Pode delegá-lo? Delegou-o, e a quem?

1.º Tem Deus o poder de abençoar, isto é, de ligar a esta ou àquela criatura uma virtude particular e acima de suas forças naturais, com o fim de produzir certos efeitos, de outro modo impossíveis? A quem recusasse a Deus semelhante poder, seria honrá-lo demais responder-lhe; bastaria trancafiá-lo: sua demência estaria constatada.

2.º Exerceu Deus esse poder? Sim, desde a origem do mundo, e o exercício desse poder continua incessantemente sob os nossos olhos. A matéria é inerte. As plantas, por exemplo, são matéria, nada mais que matéria. De onde lhes vem a faculdade de reproduzir-se? Da bênção que Deus lhes deu ao criá-las. Disse:

> *Produza a terra herva verde, que faça semente, [...] segundo o seu genero [...]. E assim se fez.*[1]

Calcula o que poderá a fecundidade dessa divina bênção.

Quantas vezes, no Antigo Testamento, vemos o Senhor exercer, de maneira ainda mais sensível, esse poder de abençoar! Prende a um pedaço de madeira a virtude de adoçar as águas amargas de Mara;[23] à vara de Moisés, o poder de fazer jorrar água de um rochedo;[4] à serpente de bronze, a

faculdade de curar os que a olhavam.[5]

No Novo Testamento, diz à água que se torne vinho, e a água obedece. Abençoa cinco pães e dois peixes, e essa bênção lhes comunica o miraculoso poder de se multiplicarem, a ponto de bastar à alimentação de cinco mil homens.

3.º Pode Deus delegar esse poder de abençoar? E eu pergunto por que não poderia. Nesse ponto como em qualquer outro, quem tem o direito de limitar a sua onipotência? Propor tal pergunta é resolvê-la.

4.º Delegou Deus esse poder à Igreja? A menos que se sustente que, há dezoito séculos, a Igreja católica, a maior autoridade humana e divina que há na terra, está atingida de alienação mental, a resposta não é duvidosa. Sempre a Igreja acreditou, sempre ensinou que tinha esse poder; sempre dele fez uso.

Não permitira o Filho de Deus a seus apóstolos abençoar as suas vozes, as suas mãos, até a sua sombra, a ponto de fazer produzir a essas diferentes coisas puramente naturais efeitos sobrenaturais, como a cura dos doentes e a ressurreição dos mortos? Numerosos e retumbantes milagres não provaram a realidade dessa bênção? Herdeira dos apóstolos, a Igreja possui o mesmo poder; pois recebeu a mesma missão, e o mesmo Espírito vive nela.

É tempo de vir às funções do sino. Se queres conhecê-las, presta ouvido ao próprio sino.

> *Quando falo, escutai; chamo-vos à oração, vinde. Convoco os vivos; choro os mortos; quebro o raio; louvo o verdadeiro Deus; reúno os fiéis; congrego o clero; peço piedade pelos falecidos; afasto as tempestades; embelezo as solenidades.*[6]

Como vimos nas orações do batismo, essas diferentes funções, a Igreja as deu ao sino. Gravadas em seus flancos sonoros, todas se cumprem quando o sino é posto em movimento.

Daí vem um fato pouco notado: o amor ao sino da parte dos verdadeiros filhos da Igreja e o ódio aos sinos da parte dos inimigos de Deus e da Igreja. Uma das mais doces alegrias de nossos pais, ao sair da Revolução, foi ouvir os sinos, que haviam permanecido mudos durante vários anos. Os revolucionários tinham-se empenhado na destruição dos sinos. Haviam-nos roubado, quebrado, fundido, para fazer canhões ou moedas republicanas, e proibido sob pena de morte tocar, exceto para os seus horrendos rebates, os poucos que haviam poupado.

Mesmo ódio da parte dos protestantes. Ainda hoje, nos países onde dominam, é proibido aos católicos tocar os sinos. Mesmo ódio da parte dos turcos. Salvo as exceções, em toda a extensão de seu império, o sino é mudo. Tudo isso prova que o sino é essencialmente católico e que tem verdadeiramente o misterioso poder de cumprir as funções que a Igreja lhe confia.

Entre essas nobres funções há uma que os ímpios e os pretensos sábios do século XIX tomam por objeto de seus ataques e de seus escárnios. Quero falar do poder dado ao sino de pôr em fuga os

demônios, afastar o raio e dissipar as tempestades. Ignorantes porque são materialistas, e materialistas porque são ignorantes, não veem no som do sino senão um som como outro qualquer, e nas vibrações do sino, tocado durante a tempestade, senão um abalo das nuvens, próprio unicamente, dizem, para atrair o raio.

Não sabem, e não querem saber, o que, no paganismo como no cristianismo, o gênero humano nunca ignorou: que a região do ar de que estamos cercados é a habitação dos demônios, nossos eternos inimigos. Em seu ódio implacável, esses seres malfazejos interpõem-se acima de nossas cabeças, a fim de impedir toda comunicação entre a Igreja do céu e a Igreja da terra. Quem quebrará essa formidável barreira e, através dessas legiões postas em fuga, abrirá passagem aos bons anjos, a fim de que venham defender cá embaixo os seus futuros companheiros de glória?

Quem nos livrará desses homicidas cujo poder sobre os homens, longe de diminuir, cresce sem cessar pelo pecado que nos faz seus escravos? Não será a santa Igreja, nossa mãe, que recebeu de Deus todo o poder para defender e salvar os seus filhos?

Sim, meu caro Frederico, é ela mesma que se apresentará como Davi, tendo nas mãos apenas um fraco instrumento para combater esses soberbos Golias e livrar o povo de Deus de suas ciladas e de seus ultrajes.

Por suas orações e suas cerimônias, santifica uma trombeta ainda mais terrível pelos grandes mistérios que proclama do que pelo poderoso brilho de seus sons. Ao sinal da intervenção do Deus dos exércitos e das tempestades em favor dos homens, o pavor se apodera desses indignos usurpadores, que se apressam em fugir.

> *Quando o som deste vasinho — diz o Pontifical — atravessar as nuvens, a mão dos anjos protegerá os fiéis:*

Dum hujus vasculi sonitus transierit per nubila, Ecclesiæ tunc conventum manus conservet angelica.

Essa incontestável força do sino contra os demônios do ar justifica a virtude de que goza de dissipar os ventos e as nuvens, varrer diante de si o granizo e o raio, conjurar as tempestades e os elementos desencadeados, visto que todas essas perniciosas influências da atmosfera provêm bem menos de causas naturais do que da malícia desses gênios malfazejos.

Nos séculos de fé não se via o que vemos hoje: a misteriosa doença dos vegetais, que há trinta anos desafia todos os recursos da ciência humana; nem essas miríades de insetos devastadores, até aqui desconhecidos e vindos não se sabe de onde; nem essas pestes quase periódicas que cobrem a terra inteira de luto. A razão é simples: nossos religiosos antepassados não olhavam como vãs formalidades as consagrações e as invocações da Igreja; nem como práticas inúteis o uso da água benta e a recitação do Ângelus.

Na hora do perigo, esses verdadeiros cristãos recorriam com confiança a alguns desses divinos preservativos, e notadamente ao som dos santos sinos. Por eles faziam chegar ao Pai celeste o seu primeiro grito de alarme. O Senhor, por sua vez, não permanecia muito tempo insensível à voz de seu povo, e muitas vezes a cessação súbita dos flagelos anunciava que Deus havia mais uma vez salvado os seus filhos. Quão oportuno seria voltar à fé simples e ingênua de nossos pais!

Nossos materialistas atuais não sabem, e não querem saber, que, nas tempestades, o som do sino é uma oração pública e solene, um grito de alarme lançado ao senhor do raio e do granizo, uma súplica, enfim, que ele prometeu atender. Se zombam de nossa fé e da fé de seus pais, que zombem também do próprio Todo-Poderoso, de quem eis o solene compromisso.

> *Se sahirdes do vosso paiz para a guerra contra os inimigos que vos atacão, fareis sóar interrompidamente as trombetas, e o Senhor vosso Deos se lembrará de vós, para vos livrar das mãos de vossos inimigos.*[7]

Eis, pois, o Deus dos exércitos, que é também o senhor do trovão, pondo por condição da vitória o retumbar das trombetas de Israel, de que os nossos sinos são a continuação. Mudou Deus? Já não lhe é livre ligar os seus favores a esta ou àquela prática, que ele mesmo indicou? Os demônios, os raios, as tempestades não são inimigos do homem, como os cananeus o eram de Israel? Os sinos são as trombetas da Igreja militante. Consagrados pelos pontífices da lei de graça, seriam menos poderosos que as trombetas figurativas da antiga lei?

Quando os materialistas modernos tiverem respondido pertinentemente a essas perguntas, terão o direito de zombar da fé dos séculos e de dar-nos as suas teorias como a última palavra da ciência. Enquanto isso, a Igreja, que sabe mais do que eles, continuará a benzer os seus sinos, e os países católicos continuarão a tocá-los, para conjurar as tempestades e expulsar os demônios.[8]

De fato, meu caro amigo, que podem aqui os progressos da ciência? Destruirão as imortais promessas que foram feitas à Igreja? Tirar-lhe-ão o poder sobrenatural que recebeu de Deus de vencer os demônios do ar e paralisar a sua má vontade? Não é este o lugar de dizer com santo Ambrósio:

> *A bênção da Igreja é mais forte que todas as forças da natureza; pois a própria natureza se acha essencialmente mudada pela virtude sobrenatural da bênção?*[9]

Aliás, quanto ao perigo de tocar os sinos durante as tempestades, é bem certo que a ciência tenha dito a sua última palavra? Escutemos sobre esse ponto um homem menos afirmativo que muitos outros, porque foi mais sábio e, além disso, pouco suspeito de haver querido favorecer com o seu testemunho os usos da Igreja católica.

Depois de refutar a opinião de que o toque dos sinos atrai o raio, Arago conclui assim:

> *Em resumo, no estado atual da ciência, não está provado que o som dos sinos torne os golpes de trovão mais iminentes, mais perigosos; não está provado que um grande ruído tenha jamais feito cair o raio sobre edifícios que, sem isso, ele não teria atingido.*[10]

Para produzir os efeitos certos e incontestáveis que a Igreja lhes atribui, importa que os sinos sejam regularmente consagrados pelo próprio bispo. Assim o quer a Sagrada Congregação dos Ritos.[11] Assim o entendia o papa Bento XIII de piedosa memória. Não só no curso de seu episcopado, mas desde a sua elevação ao pontificado supremo, encontrava a sua felicidade em consagrar sem cessar novos sinos, destinados às menores igrejas, para as quais não se temia reclamar dele tão alto favor.

Termino pelas relações que nossos antigos liturgistas haviam achado entre os sinos e os pregadores.

> *Nossos sinos — dizem eles —, de bronze sonoro, substituíram as trombetas da lei antiga.*

> *O ruído destas não se fazia ouvir além das fronteiras de Israel; então Deus só era conhecido na Judeia: Notus in Judæa Deus («Conhecido he Deos na Judea*

). Nossos sinos ressoam por toda parte: desde o Evangelho, Deus é conhecido em toda a extensão da terra.

> *Nossos sinos são mais sólidos e mais duradouros que as trombetas de Israel. A lei nova é mais bem fundada e deve durar mais tempo que a lei de Moisés.*

> *Os sinos são a figura dos pregadores. Como o sino, os pregadores devem chamar os homens à fé. É o que figura a ordem dada pelo Senhor a Moisés de fazer para o sumo pontífice uma túnica ornada de setenta e duas campainhas, cujo som devia fazer-se ouvir quando entrasse no Santo dos Santos.*

> *O sino significa, pois, a boca do pregador, segundo a palavra de são Paulo: Sou como o metal que sóa.*

> *A dureza do metal marca a força moral do pregador, segundo esta palavra do próprio Deus: Dei-te uma fronte mais dura que as suas frontes. O badalo, que faz ressoar alternadamente as duas paredes do sino, figura a língua do pregador que, rico de ciência, faz falar alternadamente o Antigo e o Novo Testamento. Resulta daí que o pregador sem ciência é um sino sem badalo.*

> *As pancadas do badalo indicam ao pregador que deve primeiro bater no peito e corrigir os seus defeitos antes de repreender os dos ouvintes: por medo, como diz o Apóstolo, de que, depois de ter pregado aos outros, ele mesmo se torne um réprobo.*

> *O laço que prende o badalo ao sino marca ao pregador a moderação nas palavras.*

> *A madeira de que o sino está suspenso figura a madeira da cruz de Nosso Senhor. É por isso que muitas vezes é encimada por uma cruz, para lembrar que o mistério da cruz, anunciado desde a mais alta antiguidade, é a fonte de onde decorrem sobre o mundo todas as verdades religiosas e sociais.*

> *A corda que serve para tocar o sino indica o trabalho do pregador; é também a imagem de nossa vida. Essa corda que sobe e desce entre as mãos do sineiro figura eloquentemente a nossa vida, que sobe e desce incessantemente. Essa corda é um livro, diz são Gregório. Ao subir, adverte-nos de que subamos nós mesmos ao céu por nossas boas obras e, para isso, que mantenhamos a nossa vida presa à árvore da cruz, como a própria corda nela está suspensa. Quando desce, adverte-nos de considerar em quantos vícios e misérias estamos ainda mergulhados.*[12]

Que belo livro é o sino, e que fecundo assunto de meditação nos apresenta, como o apresentava a nossos pais! Instruídos por são Paulo, sabiam que as coisas visíveis e materiais são o reflexo das

coisas invisíveis e espirituais. Sua fé levantava o véu e lia o pensamento sob a palavra, a verdade sob a imagem. Já não sabemos ler; e os homens de hoje, que só veem a matéria na matéria, como o asno e o boi, têm porventura motivo de orgulhar-se de sua ciência?

Deixo-te nessa pergunta.

Todo teu.

Notas

[1] Gn 1, 11.

[2] Ex 15, 29, 44.

[3] N. do T.: Assim no original (Ex 15, 29, 44), referência que não existe; a passagem das águas amargas de Mara está em Ex 15, 23-25.

[4] *Id.*, 17, 6.

[5] Nm 21, 8, 9.

[6] *Dum trahor, audite ; voco vos ad sacra, venite. Vivos voco, mortuos plango, fulgura frango ; Laudo Deum vivum, plebem voco, congrego clerum ; Defunctos ploro, nimbum fugo, festaque honoro.*

[7] *Si exieritis ad bellum de terra vestra contra hostes qui dimicant adversum vos, clangetis ululantibus tubis, et erit recordatio vestri coram Domino Deo vestro, ut eruamini de manibus inimicorum vestrorum.* (Nm 10, 9.)

[8] *Benedicuntur Campanæ ut sint tubæ militantis Ecclesiæ... ut procul pellantur hostiles exercitus, et omnes insidiæ inimici, fragor grandinum, procellæ turbinum, impetus tempestatum et fulgorum temperentur* (Conc. Colon., c. XIV, an. 1536. Apud Hardouin, Collect. Conc., t. IX, p. 2016.)

[9] *Quantis utimur exemplis ut probemus majorem esse vim benedictionis, quam naturæ! quia benedictione et ipsa natura mutatur.* (Lib. De iis qui initiantur, etc., c. IX.)

[10] *Annuaire du Bureau des Longitudes*, ano de 1838.

[11] Decreto de 5 de julho de 1614.

[12] *Durandus, Rational. div. offic., lib. I, De Campanis.* (Duranti, De Ritib. Eccl. cathol., p. 176.)

Revision #1
Created 28 November 2026 13:47:26 by Admin
Updated 28 November 2026 13:47:26 by Admin